

Empresas de petróleo e gás esperam estrutura ampla

Base offshore é um dos atrativos para despertar o interesse para investimentos do setor na Baixada Santista

SANDRO THADEU
DA REDAÇÃO

A instalação de uma base offshore na Baixada Santista representará um avanço para o desenvolvimento local, mas ainda não é o suficiente para consolidar o setor de petróleo e gás. Existe a necessidade de a região pensar em uma logística integrada para atender às empresas privadas, ter uma indústria forte, fornecer mão de obra de qualidade e manter parcerias com universidades.

“São Paulo possui todos os ingredientes para receber uma base offshore. No entanto, é preciso destacar que ela não é fim, mas apenas um bom começo, que vai servir para a Petrobras e para outras companhias privadas”, explicou Telmo Ghiorzi, um dos diretores da Associação Brasileira das Empresas de Serviços de Petróleo (Abespetro), durante o simpósio *Implantação de Base Offshore como Alavanca do Desenvolvimento Regional*, promovido pela Associação Comercial de Santos (ACS).

A falta de um projeto nacional para a área a longo prazo também é apontada como entrave para o setor produtivo não manter uma continuidade nos investimentos e uma evolu-



As bases offshore servem de apoio em terra ao trabalho realizado pelas plataformas de petróleo (foto)

ção gradual no País.

Na avaliação dele, a criação dessa política contribuirá para o sistema produtivo brasileiro ser independente da estatal e para que a nação possa, em duas décadas, ser exportadora de bens e serviços, como ocorre

com a Noruega e a Inglaterra.

“Com essa visão, o resto ficará mais fácil, porque a gente vai saber o que teremos de fazer para chegar lá. E, a partir daí, poderemos fazer escolhas para estabelecer as prioridades para cobrar providências

do Governo”.

O gerente geral da Unidade de Operações de Exploração e Produção da Bacia de Santos (UO-BS), Osvaldo Kawakami, afirmou que a companhia não investirá em base offshore neste momento. Por outro la-

do, isso deverá ocorrer com o setor privado. “Temos 13 empresas atuando na Bacia de Santos. A Petrobras tem uma forma de trabalhar diferente das demais”.

PROJEÇÕES COM PÉ NO CHÃO

Conforme o subsecretário de Petróleo e Gás do Governo do Estado, Dirceu Abrahão, muitos projetos foram prejudicados no País por conta de uma política equivocada das gestões anteriores do Governo Federal. Ele acredita que esse quadro começou a mudar nos últimos dois anos, mas recomendou cautela e “muito pé no chão” em relação aos cenários projetados positivamente.

“Precisamos ter um cuidado muito grande com as projeções, como ocorreu na Baixada Santista com a descoberta do pré-sal, que é um ativo de classe mundial e tem um potencial gigantesco. Por outro lado, esse exagero fez com que várias empresas acreditassem naquilo que estava acontecendo de forma quase messiânica e fizeram investimento. Isso foi muito ruim para o setor como um todo, porque não aconteceu nem a demanda gigantesca, nem a de menor escala”, citou.

OPINIÕES

“É preciso pensar no tipo de serviço que as empresas podem prestar, desde o aluguel de embarcação. Ir à base (offshore) passa a ser apenas uma parte desse processo de logística”

Osvaldo Kawakami
gerente geral da Unidade de Operações de Exploração e Produção da Bacia de Santos

“Pouca gente tem a dimensão que o petróleo é um dos produtos mais tributados. Se 70% desse produto é tributado, o maior beneficiário dessa produção é a sociedade. É importante entender que somos um grande produtor de petróleo”

Antonio Guimarães
secretário-executivo do Instituto Brasileiro de Petróleo e Gás (IBP)

“A base de apoio é apenas o pedacinho de todo um ciclo que é bastante complicado, porque exige extremo planejamento, muita logística integrada e gerenciar contingência. Tudo que pode dar errado acontece nesse caminho e compromete todo o resto”

Claudio Makarovsky
diretor-presidente da Associação Brasileira das Empresas de Serviços de Petróleo (ABESPetro)

“Todo mundo fala em bilhões de investimento no setor, mas eles precisam refletir em empregos efetivos. Se isso não ocorrer, é porque o que foi prometido não está sendo cumprido. Caso contrário, viveremos apenas de expectativa”

Arthur de Almeida
vice-presidente de Petróleo e Gás da Associação Brasileira de Máquinas e Equipamentos (Abimaq)

Brasil se firma no contexto mundial

De todo o petróleo convencional descoberto no mundo nos últimos dez anos, 30% foi identificado no território brasileiro, o que comprova a importância do País no contexto mundial. Porém, os especialistas defendem a necessidade de desburocratizar o setor e agilizar os processos de licenciamento ambiental para iniciar a exploração dos poços mais rapidamente.

O diretor-presidente da Associação Brasileira das Empresas de Serviços de Petróleo (ABESPetro), Claudio Makarovsky, afirmou que a entidade lançou recentemente a campanha 10 anos em 4. A ideia é reduzir o período entre a assinatura de um contrato de concessão e o início da produção de petróleo de uma década para apenas quatro anos.

“Existem metodologias de alta certificação que estamos tentando trazer para essa discus-

ALERTA

O vice-presidente de Petróleo e Gás da Associação Brasileira de Máquinas e Equipamentos (Abimaq), Arthur de Almeida, acredita que a Baixada Santista deve se preparar para receber uma base offshore, mas é preciso projetar adequadamente esse esforço. Caso contrário, as consequências serão graves à sociedade. Para ele, somente a inserção de fornecimentos a partir de uma indústria local proporcionará o desenvolvimento sustentável da região. O representante da entidade vê com ressalvas algumas decisões de governo, pois estas são voláteis. Por isso, não se pode apostar todas as fichas em um único segmento. “Todo mundo fala em bilhões de investimento no setor, mas eles precisam refletir em empregos efetivos. Se isso não ocorrer, é porque o que foi prometido não está sendo cumprido. Caso contrário, viveremos apenas de expectativa”.

são, para que o Ibama possa utilizá-las. Não queremos reinventar a roda ou colocar em risco qualquer ativo natural. Queremos dar celeridade, porque isso vai aumentar a velocidade de empregos, de arrecadação e de desenvolvimento das inovações que vão transformar o sistema produtivo”.

IMPACTOS AMBIENTAIS

Segundo o secretário-executivo do Instituto Brasileiro de Petróleo e Gás (IBP), Antonio Guimarães, uma das bandeiras da entidade é realizar as análises dos impactos ambientais dos empreendimentos de forma mais rápida. “Há dois anos, o México ven-

deu blocos (para exploração de petróleo e gás natural) e já tem as maiores descobertas das reservas. Já os vendidos no Brasil, em 2013, mal conseguem fazer a sísmica, ou seja, os raios-X do chão. Não discutimos a qualidade, mas a celeridade desse processo de licenciamento”, ressaltou.

Guimarães citou que São Paulo ocupa hoje o segundo lugar no ranking nacional de produção de petróleo, ficando com 14% dessa fatia, bem como o Espírito Santo. Como as maiores reservas de pré-sal estão no Estado, a tendência é que São Paulo possa se consolidar na vice-liderança em breve.

“São Paulo precisa ocupar esse espaço. Se já existe uma indústria que precisa de produtos e serviços e demanda uma cadeia fornecedora, é preciso aproveitar essa oportunidade”, afirmou ele.

Cidades buscam atrair investimentos

Os representantes das prefeituras de Cubatão, Guarujá e Santos explicaram que estão atuando para atrair novos investimentos e atender as demandas relacionadas ao setor. Também estão buscando construir um planejamento regional a longo prazo para aproveitar as oportunidades.

Secretário-adjunto de Assuntos Portuários, Indústria e Comércio de Santos, José Antonio de Oliveira Rezende entendeu que todas as cidades da região serão beneficiadas com o fortalecimento do setor.

Para ele, um fator fundamental para atingir esse objetivo é oferecer um atendimento diferenciado aos empresários e aprender com experiências de outros lugares. Rezende apontou que muitos terminais do Porto de Santos estão com taxa de ocupação baixa. Por esse motivo, ele acredita que a união de



Áreas do Porto podem abrigar serviços, avalia a Prefeitura de Santos

esforços do Poder Público e empresários poderá levar a esses locais serviços que ainda não são explorados para atender ao setor de petróleo e gás.

O vice-prefeito de Cubatão, Pedro de Sá Filho (PTB), afir-

mou que existe a impressão que Cubatão chega atrasado nessa discussão, mas destacou que a Cidade tem um enorme potencial, como o projeto de ampliação portuária, desenvolvido pelo InvesteSP, em 2011.

“Nosso município sofreu as consequências do desmonte da indústria nacional. Por esse motivo, ficou com uma série de áreas subutilizadas. Além disso, temos o porto privado da Usiminas, que está subutilizado. Estamos revendo o Plano Diretor para atrair investimentos”.

AJUSTES

O secretário de Desenvolvimento Econômico de Guarujá, Gilberto Benzi, afirmou que a Prefeitura está revendo alguns decretos que travaram a atuação do terminal da Saipem, instalado na Cidade.

“Guarujá está de braços abertos para receber novos investimentos ligados ao setor de petróleo e gás, inclusive vamos encaminhar um ofício à Agência Nacional de Petróleo (ANP) manifestando esse interesse”.



A unidade de operações já está instalada em Santos, no Valongo

Parente garante centro tecnológico

EDUARDO BRANDÃO

O presidente da Petrobras, Pedro Parente, reafirmou publicamente o compromisso de tirar do papel a construção do Centro Tecnológico da Baixada Santista (CTBs). O empreendimento, que se tornará uma espécie de *quartel-general* da exploração da camada de pré-sal, tem custo estimado em R\$ 84 milhões, a serem pagos pela estatal e pela Agência Nacional de Petróleo (ANP).

Em estudo há quase uma década, o empreendimento foi engavetado com a crise. Parente sustenta que os projetos básico e executivo para a construção do edifício de seis andares voltados à pesquisa nos campos de óleo e gás estão finalizados. “O centro está em fase de aprovação interna na Petrobras e ANP. Ele será realidade”.

NOVAS TECNOLOGIAS

Parente explica que o CTBs terá papel “fundamental para o desenvolvimento de novas técnicas e metodologias” à extração de petróleo e gás. A ideia é aperfeiçoar a tecnologia existente, a fim de auxiliar a operações em alto-mar.

“Não será apenas trazer uma base de serviços, mas também de conhecimento. Creio que o

O LOCAL

O espaço será erguido em um lote entre o cruzamento das ruas Braz Cubas com Henrique Porchat – sendo apontada indutor à revitalização da Vila Nova, como a torre de negócios da Petrobras contribuiu para a melhora do Valongo. O centro ficará ao lado da Fundação Tecnológica de Santos, formando um corredor de produção de conhecimento e formação de mão de obra.

centro completa a base offshore muito bem”.

O complexo terá apoio das três universidades estaduais (USP, Unesp e Unicamp) e das instituições de Ensino Superior da região. O diretor da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (Pol-USP), José Roberto Castilho Piqueira, explica que, no laboratório regional, será possível modelar dados a fim de acompanhar em tempo real a produção nos campos de petróleo e gás.

Embora reafirme o compromisso, o presidente da estatal não soube avaliar quando o CTBs sairá do papel.